



NOTICIAS INTERNACIONALES AL 10/03/2017

BRASIL.....	2
Precio real de la hacienda en su nivel más bajo de los últimos tres años	2
Escaso volumen de negocios ante espera de una mayor oferta de hacienda.....	2
Crece la faena de hembras. Incide el mercado y factores estacionales.....	2
Exportaciones casi 100 mil toneladas en febrero, por debajo de un año atrás. Buen inicio de marzo.....	2
Entidad desmiente posibilidad de casos de vaca loca en Rio y Nordeste del Brasil.....	3
Perspectivas optimistas para 2017 según Confinadores	4
Brasil fue habilitado para exportar carnes a MARRUECOS	4
Próxima Auditoría sanitaria de SINGAPUR.....	4
Se demora la implementación del nuevo sistema de pesaje de hacienda en el estado de Mato Grosso..	4
Lanzan sistema de bonificación para la carne de calidad.....	5
Misión oficial viaja a Estados Unidos para analizar uso de promotores de crecimiento.....	5
Estado de Cuibá decidió postergar la modificación de la alícuota de ICMS para el ganado vivo	5
URUGUAY.....	5
Bajan fuerte las referencias de precios – Resistencias de los productores.....	5
Faena récord de vacunos en febrero	6
Se está negociando protocolo sanitario para exportar ganado en pie a Irak.....	6
Galimberti: "IRÁN tiene gran potencial como futuro comprador de carne" Tienen una demanda con características muy similares a Rusia	7
Foodex Japón 2017.Empresas japonesas apuntan a la carne vacuna proveniente de feedlots.....	7
Asociación Rural reclamó una mejora del tipo de cambio real	7
Contrapunto sobre tercera balanza y trazabilidad obligatoria.....	8
Zambrano dijo que trabajó por la trazabilidad pero ahora ve que se equivocó	9
Eduardo Barre fue designado nuevo titular de Servicios Ganaderos	10
PARAGUAY	10
Carne paraguaya pasó su primer examen para su ingreso en el mercado estadounidense.....	10
Aftosa: Brasil reducirá vacunación y Paraguay estudia esa situación Anuncio oficial se hará en abril próximo	11
Misión paraguaya asegura que que está cercana la apertura de HONG KONG.....	11
BID: Destacan cómo Paraguay se convierte en campeón de exportación de carne	12
UNIÓN EUROPEA	12
Proyección de corto plazo	12
Avances en la negociación con NUEVA ZELANDA por acuerdo de libre comercio	13
Comisión Europea felicita a FRANCIA por la apertura del Mercado CHINO.....	13
BREXIT estimula búsqueda de otros mercados para carnes y leche	14
IRLANDA: Cierran contrato para enviar bovinos vivos a TURQUÍA	14
ESPAÑA confirma un caso atípico de BSE	15
ESTADOS UNIDOS	15
Existencias de Ganado bovino confirman ciclo expansivo.....	15
Buen inicio de año para las exportaciones de carnes bovinas. Japón y Corea marcan el ritmo	15
Mayor consumo per capita de carnes bovinas en 2016.....	16
Congreso inició consultas en preparación de la próxima FARM BILL	17
VARIOS	18
CANADA proyecta ingresos por más de mil millones de dólares como resultado de acuerdo con la UE (CETA)	18
CHINA aumentará fuerte sus compras de carne vacuna hasta el 2020 por lo menos	18
AUSTRALIA Lanzan programa de promoción de la raza Angus	19
EMPRESARIAS	19
ABS fecha parceria com confinamento	19



BRASIL

Precio real de la hacienda en su nivel más bajo de los últimos tres años

09/03/17 - por Equipe BeefPoint Os preços do boi gordo no estado de São Paulo iniciam março nos menores patamares em três anos, segundo boletim do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea) da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ/USP).

Na parcial deste mês (até o dia 8), o Indicador ESALQ/BM&FBovespa registra média de R\$ 144,66, a mais baixa, em termos reais, desde fevereiro de 2014, de R\$ 143,94 – valores deflacionados pelo IGP-DI de jan/17.

Segundo pesquisadores do Cepea, esse cenário se deve, principalmente, à menor demanda de frigoríficos por novos lotes de animais prontos para abate e também à maior oferta de boi gordo, contexto que dificulta uma reação nos preços da arroba.

Do lado comprador, a menor procura do frigorífico se deve ao fraco desempenho tanto das vendas de carne no mercado atacadista como das exportações brasileiras.

Escaso volumen de negocios ante espera de una mayor oferta de hacienda

Sexta-feira, 10 de março de 2017 - O que se nota até o momento nesta semana é um mercado indefinido. O volume de negócios está pequeno e ocorrem alterações nas duas direções.

A disponibilidade de fêmeas tem aumentado, mas isto ainda não foi sentido pelo mercado sob a forma de pressão de baixa.

Segundo levantamento da Scot Consultoria, em São Paulo, a referência para o boi gordo segue estável, em R\$ 145,00/@, à vista. Existem ofertas de compra de até R\$4,00 abaixo da referência, sem volume de negócios.

A expectativa é de aumento na oferta de animais terminados, e gradativamente uma redução do consumo, à medida que o início de mês vai passando.

Crece la faena de hembras. Incide el mercado y factores estacionales.

Quarta-feira, 8 de março de 2017 - Mercado do boi gordo parado. Poucas alterações foram registradas na abertura do mercado desta terça-feira.

Oferta e demanda estão ajustadas, desta forma o mercado trava e as referências permanecem estáveis na maioria das praças pesquisadas pela Scot Consultoria.

O que se nota é a crescente oferta de fêmeas para abate, movimento que é natural para este período do ano devido ao descarte de matrizes.

Porém, este incremento de oferta ainda não exerce um grande efeito no mercado a ponto de mudar o rumo das cotações. Mas, em curto prazo, pode ter algum impacto no mercado.

Em São Paulo, mesmo com a referência da arroba estável, cotada em R\$145,00/@, à vista, o mercado se mostra um pouco mais pressionado. Pagamentos acima da referência estão cada vez menos frequentes e algumas empresas ofertam até R\$4,00 abaixo, porém há dificuldade para negociações neste patamar.

O mercado atacadista de carne bovina com osso continua com demanda ruim.

Exportaciones casi 100 mil toneladas en febrero, por debajo de un año atrás. Buen inicio de marzo

8 de março de 2017 - A exportação de carne bovina in natura e processada recuou 19% em fevereiro em comparação com igual mês do ano passado. O setor embarcou 99,7 mil toneladas em comparação com 122,8 mil toneladas em fevereiro de 2016.

A receita cambial caiu 17%, na mesma base de comparação, para US\$ 395,3 milhões. Estas informações são da Associação Brasileira de Frigoríficos (Abrafrigo), com base em dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC).

No acumulado do ano, as exportações são 6% menores do que em 2016 em volume e apresentam queda de 4% na receita, atingindo 207 mil toneladas e US\$ 813 milhões, respectivamente. No total, o Brasil comercializou o produto com 117 países, dos quais 52 aumentaram suas compras e 65 apresentaram diminuição, segundo a Abrafrigo.

Em fevereiro, segundo a associação, houve significativa redução nas compras por parte de alguns países europeus como Alemanha, Itália, Reino Unido e Holanda e ainda do Egito, no Oriente Médio. "Também contribuiu para a queda uma certa estabilização nas importações chinesas que vinham crescendo aceleradamente desde o início de 2016", afirma a instituição, em nota.

A Abrafrigo ressalta, ainda, a forte movimentação do produto pelo porto de Santos que, nos dois primeiros meses do ano, foi o responsável por 60% das exportações, ante 50% em 2016. Os portos de Itajaí e São Francisco do Sul, em Santa Catarina, foram os que mais perderam este tipo de carga, caindo de uma participação total de 28% em 2016 para 16% em 2017, segundo a associação.



Quinta-feira, 9 de março de 2017 - Após a queda de 20,1% no volume de carne bovina in natura exportada pelo Brasil em fevereiro último, março começou com bons resultados.

Segundo dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços, na primeira semana do mês, o Brasil exportou 19,3 mil toneladas do produto. A média diária foi de 6,4 mil toneladas.

Em relação a fevereiro deste ano a alta foi de 46,2% e em relação ao mesmo período do ano passado houve aumento de 27,9% no volume embarcado.

O faturamento total no período foi de US\$79,00 milhões.

Caso o ritmo das exportações se mantenha, o volume total exportado deverá ser de 147,2 mil toneladas, uma alta de 33,0% em relação a março de 2016.

Entidad desmiente posibilidad de casos de vaca loca en Rio y Nordeste del Brasil

Fonte: CNPC e Boatos.org. 08/03/17 - por Equipe BeefPoint

O Conselho Nacional da Pecuária de Corte – CNPC, entidade que representa a cadeia produtiva da carne bovina e promotora de discussões que envolvam a sanidade, o bem-estar animal e a segurança alimentar, considera infundadas as alegadas suspeitas de que esteja havendo casos de consumo de carne bovina com o “Mal da Vaca Louca” no Rio, mais especificamente em Niterói, e no Nordeste, doença que, anos atrás, atacou os rebanhos da Europa, Estados Unidos e Canadá, mas que atualmente se encontra plenamente controlada.

“Essa doença, na sua forma patogênica, nunca chegou ao Brasil ou a outros países da América Latina” afirma o presidente em exercício do CNPC, Sebastião Costa Guedes. Para ele, “a doença verificada em Niterói e no Nordeste deve ter outras origens, conforme dados disponibilizados pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). Nos primeiros contatos que mantivemos com os técnicos do ministério, a princípio não houve indícios de que sejam originadas pelo agente da BSE/EEB, enfermidade de características crônicas que levam meses e até mesmo anos para se manifestar em humanos”, aduziu.

O presidente do CNPC afirma que as primeiras equivocadas alegações dessa notícia ocorreram em Niterói, em 20 de janeiro passado. “Autoridades da saúde já descartaram qualquer relação desta infecção aguda com a carne vermelha”, diz Guedes, que faz alerta à população para evitar pânico, e não deixar de consumir carne vermelha desde que de boa procedência e bem armazenada.

Esclarecimentos

O site Boatos.org postou alguns esclarecimentos sobre o tema.

Ponto 1: DCJ não é vaca louca

O grande problema (ou um deles) é que a DCJ não é necessariamente, “vaca louca”. A DCJ é, de fato, uma doença gravíssima e fatal. De acordo com o Ministério da Saúde, foram confirmados 170 casos da doença entre 2005 e 2013 no Brasil. A vaca louca é conhecida como uma das variantes da doença de Creutzfeld-Jakob (vDCJ).

A “doença da vaca louca” só é diagnosticada quando a pessoa adquire a DCJ após consumir carne bovina contaminada com Encefalite Espongiforme Bovina. Essa é apenas uma das quatro formas de se adquirir DCJ. Detalhe: nunca ocorreram casos de vDCJ no Brasil.

Ponto 2: casos suspeitos não são casos confirmados

À época da divulgação da informação, a própria Prefeitura de Niterói explicou que os casos suspeitos de DCJ não tinham relação alguma com o consumo de carne. Ou seja, ainda há chance de ser DCJ, mas não vDCJ (a vaca louca).

Ponto 3: por que o governo esconderia?

Não faz muito sentido um governo esconder uma enfermidade para ganhar dinheiro com exportação. Primeiro, porque quem ganha são as pessoas que vendem a carne. Segundo, porque no caso de uma epidemia quem teria o prejuízo seria o próprio governo. Não só moral (por deixar a doença se alastrar) como também financeiro (com internações no SUS).

Ponto 4: epidemia não é tão fácil assim de acontecer

Mesmo que os casos de Niterói fossem de “vaca louca” (o que tudo aponta não ser), não caracterizaria um surto ou uma epidemia. Leia uma explicação desta matéria do UOL de 2015:

Surto: acontece quando há o aumento repentino do número de casos de uma doença em uma região específica. Para ser considerado surto, o aumento de casos deve ser maior do que o esperado pelas autoridades.

Epidemia: a epidemia se caracteriza quando um surto acontece em diversas regiões. Uma epidemia a nível municipal acontece quando diversos bairros apresentam uma doença, a epidemia a nível estadual acontece quando diversas cidades têm casos e a epidemia nacional acontece quando há casos em diversas regiões do país.

Ponto 5: áudios do WhatsApp não são confiáveis



Se, de fato, casos de vaca louca tivessem sido confirmados no Brasil, os áudios não seriam a principal fonte da informação. A cobertura da mídia seria bem intensa.

Perspectivas optimistas para 2017 según Confinadores

El director técnico de la Asociación Nacional de la Agricultura Intensiva (Assocon), Bruno Andrade, dijo que las perspectivas de costo y el margen para el confinamiento de ganado para este año son positivas, teniendo en cuenta que el maíz y otras materias primas utilizadas en la alimentación animal son más baratos en comparación con el año pasado, lo cual contribuye a que el confinamiento se haga más atractivo económicamente según informó el portal Beef Point.

"Por otra parte, tenemos el escenario de reposición y de costos mejores. El precio de los novillos es más favorable, lo que facilita la entrada de más animales en confinamiento. Y el agricultor, busca desde esa óptica, darse cuenta de que sí es posible confinar un mayor número de animales".

A pesar de que el costo de producción de este año es ligeramente favorable en comparación con 2016, los agricultores no pueden dejar de hacer una gestión eficiente. "No debe haber grandes valor de tasación de los precios del ganado. Por lo que la única posibilidad es producir un kilo rentable, o producir un novillo que dé más beneficios".

Según él, eso es posible una vez que se utilicen insumos más económicos, que debería ser factible este año, ante la reducción del costo de algunas materias primas.

Brasil fue habilitado para exportar carnes a MARRUECOS

08/03/17 - por Equipe BeefPoint O Brasil pela primeira vez conseguiu ser incluído no processo de licitação das Forças Armadas do Marrocos. A confirmação é do secretário de Relações Internacionais do Agronegócio do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), Odilson Luiz Ribeiro e Silva. Segundo o secretário, o Ministério já levanta as informações necessárias para participar do certame.

A inclusão do Brasil no processo é resultado da conversa realizada entre o ministro Blairo Maggi e o ministro do Marrocos, Aziz Akhannouch, durante a Conferência da Organização das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP22) em novembro de 2016.

Durante a COP 22, um comitê consultivo para facilitar o comércio bilateral agrícola entre Brasil e Marrocos foi criado. O objetivo é avaliar quais produtos daquele país podem ser vendidos para o Brasil e os que são possíveis de serem enviados.

Fonte: Agro Olhar, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.

Próxima Auditoría sanitaria de SINGAPUR

08/03/17 - por Equipe BeefPoint Na próxima segunda-feira (13), uma missão veterinária de Singapura, começará a inspecionar plantas frigoríficas em Santa Catarina e em Mato Grosso do Sul, além de propriedades e o serviço veterinário oficial brasileiro. O objetivo é avaliar o serviço veterinário oficial do Brasil, para a manutenção das exportações de carnes de aves, suínos e bovinos do Brasil àquele país.

Os veterinários também visitarão o Laboratório Nacional Agropecuário (Lanagro) de Campinas, do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, referência no diagnóstico da Influenza Aviária.

Os auditores de Singapura irão verificar o controle das medidas implementadas pelo Brasil para o controle de doenças no rebanho nacional. Também irão conhecer o sistema de compartimentação de aves.

Se demora la implementación del nuevo sistema de pesaje de hacienda en el estado de Mato Grosso

Fonte: Agro Olhar, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.09/03/17 - por Equipe BeefPoint

Seis meses após a previsão de instalação, as balanças do novo sistema de pesagem de carcaças em frigoríficos de carne bovina em Mato Grosso devem iniciar as operações em uma planta frigorífica de Tangará da Serra no mês de abril. O governador Pedro Taques anunciou nesta quarta-feira, 08 de março, a liberação de R\$ 900 mil para o Instituto Mato-grossense da Carne (Imac) para que "o Instituto possa praticar suas ações".

O Imac foi lançado no dia 02 de março de 2016, durante o InterCorte, evento este, inclusive, que ocorre nesta semana em Cuiabá. Ainda durante o lançamento, foi apresentado o Selo de Qualidade da Carne mato-grossense a embalagem do produto.

A previsão inicial era que o novo sistema de pesagem de carcaça tivesse implantação em julho de 2016 e posteriormente foi passado para setembro. De acordo com o presidente do Imac, Wagner Bachi, "até o final de abril as balanças devem ser instaladas".

"Nós queremos exportar carne e não boi. Foi para isso que criamos o Imac. O Imac busca a consolidação entre Estado, produtores e indústria frigorífica para que possamos fazer com que essa cadeia esteja sempre ligada", destacou Taques.



O Imac foi instituído por meio da Lei nº 10.370/2016 e é formatado no exemplo do Instituto Nacional de Carnes do Uruguai (Inac). A ideia de implementar em Mato Grosso partiu do governador Pedro Taques, durante viagem ao Uruguai em outubro de 2015.

Lanzan sistema de bonificación para la carne de calidad

8/03/17 - por Equipe BeefPoint Com o objetivo de garantir a produção de carne de qualidade, atestada pelas associações de raça, a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) criou a "Plataforma de Qualidade – Carne Bonificada".

Esta ferramenta informatizada, desenvolvida pelo Instituto CNA em parceria com a Embrapa Gado de Corte, permite a certificação da carne bovina brasileira durante as etapas da produção.

Ao se cadastrar na plataforma, os pecuaristas têm acesso aos Programas de Bonificação de Raças Bovinas. Neste primeiro módulo estão disponíveis seis programas de bonificação: Angus, Hereford, Braford, Charolês, Wagyu e Nelore.

Os produtores serão bonificados pelas carcaças que atenderem aos requisitos de qualidade definidos pelas associações de raças parceiras.

Os interessados em participar dos programas de bonificação poderão obter mais informações em www.cnabrasil.org.br/rastreabilidade. Neste portal, o produtor tem acesso aos requisitos técnicos para aderir aos programas de bonificação, além da relação dos frigoríficos credenciados a cada programa.

Fonte: CNA, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.

Misión oficial viaja a Estados Unidos para analizar uso de promotores de crecimiento

07/03/17 - por Equipe BeefPoint Uma missão do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) visita os Estados Unidos, entre 11 e 18 deste mês, para conhecer como funciona o sistema de segregação de gado criado com melhoradores de desempenho e o uso de tais produtos na pecuária daquele país. Além de reuniões com o FSIS (serviço de inspeção de produtos de origem animal americano), os técnicos brasileiros vão a fazendas que segregam o rebanho.

Participarão da delegação o secretário de Defesa Agropecuária, Luis Rangel, e técnicos dos departamentos de Inspeção de Produtos de Origem Animal (Dipoa) e de Fiscalização de Insumos Pecuários (DFIP) e da Coordenação de Produtos Veterinários e de Monitoramento Estratégico (rastreabilidade).

A próxima etapa é verificar se as tecnologias utilizadas nos EUA para a produção de carnes podem ser usadas no Brasil, obedecendo as exigências brasileiras e as dos mercados para os quais fornece carne bovina.

Estado de Cuibá decidió postergar la modificación de la alícuota de ICMS para el ganado vivo

9/03/17 - por Equipe BeefPoint O governador Pedro Taques (PSDB) disse nesta quarta (8) que o aumento da alíquota do boi em pé será apenas em 1º de julho. A medida – que aumenta de 7% para 12% o ICMS sobre a movimentação interestadual do gado – começaria a vigorar em 1º de abril. O anúncio do tucano ocorre na abertura do Intercorte 2017, etapa Cuiabá, hoje (8). O evento debate a cadeia produtiva da carne bovina brasileira.

O adiamento do aumento deve fazer com que governo e o setor realizem debates mais intensos sobre a medida, que não é consensual.

A secretaria estadual de Fazenda (Sefaz) adianta que a prorrogação deverá ser publicada oficialmente através de uma portaria no Diário Oficial do Estado (DOE) nos próximos dias.

A Associação dos Criadores de Mato Grosso (Acrimat) tem se manifestado contrária à medida e pede a revogação do decreto.

O decreto 777/2016 – que regulamentou o aumento do ICMS para a saída interestadual do gado bovino – foi publicado no DOE em 28 de dezembro.

URUGUAY

Bajan fuerte las referencias de precios – Resistencias de los productores

Por Blasina y Asociados, especial para El Observador

Marzo 10, 2017 Los productores no convalidan los valores y prefieren darle más kilos a los animales

Sobre la mitad de semana se profundizó la baja de los precios de referencia que pasan industrias por el ganado, se alargan las entradas de 10 a 15 días y se enlentece la concreción de negocios. Ante la abundante oferta forrajera, los productores prefieren darle más kilos "baratos" y se resisten a vender a estos valores, las lluvias de caídas estos días, puede dar soporte a los precios.



Por el novillo, la industria maneja como referencia US\$ 2,80 por kilo en cuarta balanza, con un máximo US\$ 2,85 el kilo. Algunas plantas no están pasando precio y otras ofrecen entrada para la primera semana de abril sin concretar precio.

Para la vaca, el ajuste es mayor y con plantas que no están interesadas en comprar esta categoría. La referencia se ubica en el eje de US\$ 2,50 el kilo a US\$ 2,55 por kilo en cuarta balanza, en tanto por vacas de carcasa pesada se pueden obtener algunos centavos más, pero es difícil llegar a US\$ 2,60.

El lunes pasado, la Asociación de Consignatarios de Ganado (ACG) bajó en cuatro centavos la máxima cotización de novillos en cuarta balanza, de US\$ 2,95 a US\$ 2,91, y mantuvo en US\$ 1,59 la referencia en pie.

Las vacas especiales retrocedieron cuatro centavos hasta US\$ 2,63 y la gorda también cuatro centavos menos, a US\$ 2,58.

Merece destaque el precio y el volumen, de exportación de carne vacuna en la semana hasta el 4 de marzo. El precio alcanzó US\$ 3.468 la tonelada, 4,7% más que la semana anterior, pero 3% menor en la comparación interanual.

El volumen exportado en esta semana es el mayor del año y desde hace 11 semanas alcanzó a 10,9 mil toneladas, 48% más semanal y 22% más en la comparación interanual. El promedio acumulado de 2017 alcanzó a US\$ 3.395 por tonelada, 4,1% debajo de 2016.

Este año se alcanzó la mayor actividad de la historia para un mes de febrero, con 198,5 mil vacunos faenados, cuya mayoría fueron vacas –103 mil– y 92 mil novillos.

La faena semanal, hasta el 4 de marzo, fue 6% menor respecto a la semana previa. Se faenaron 46.677 vacunos, 16% más que un año atrás. Las vacas alcanzaron a 23.391 cabezas, 6% menos en la semana y 10% más que hace un año. Los novillos cayeron 5,4% en la semana, a 22.583 cabezas, pero son 24% más en la comparación interanual.

La reposición mantiene la firmeza con mayor oferta y concreción de negocios. La demanda hoy está marcada por los invernadores, que muestran mayor interés de negocios de invernada corta.

En el remate de Plazarural (ver página 13) los terneros castrados tuvieron un premio sobre los enteros, al no operar la exportación en pie, que además está pretendiendo operar por debajo de los precios del año pasado, alrededor de los US\$ 2 por kilo, lo cual está lejos del precio del remate del miércoles pasado.

Los terneros en Plazarural promediaron US\$ 2,21 por kilo, 3,7% más que el remate anterior; los novillos de 1 a 2 promediaron US\$ 1,81, un 2,9% por encima; los novillos de más de 3 años cotizaron a US\$ 1,50, un 1,7% más que el remate anterior; y las vacas de invernada a US\$ 1,23, un 2,6% menos que en el remate anterior.

Faena récord de vacunos en febrero

Marzo 7, 2017 La actividad de las plantas frigoríficas ascendió a 198,5 miles de cabezas

La faena de vacunos del pasado mes de febrero fue récord en el país. El verano excepcional se muestra en las cifras, febrero tuvo la mayor faena para el mes de la historia con 198.445 vacunos.

Es record la faena de vacas, 102.997 cabezas, el 52% de la faena total, según los datos divulgados por Blasina y Asociados.

Con respecto a la faena semanal, hasta el 4 de marzo cayó 6% respecto a la semana previa. Se faenaron 46.677 vacunos, 16% más que un año atrás.

Se está negociando protocolo sanitario para exportar ganado en pie a Irak

06/03/2017 - El ganado debería cruzar en pie por Turquía y eso podría trancar a operativa.

"Hay algunas solicitudes para habilitar otro país del Medio Oriente y se está trabajando en el protocolo sanitario", contó el Dr. Eduardo Barre. El nuevo director de Servicios Ganaderos del ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca dijo en Valor Agregado en Carve que trabajar en ese nuevo mercado es "una iniciativa del sector privado" y consta de un protocolo "muy similar al de Turquía que no es difícil de conseguir".

Desde el sector privado aseguraron que se trata de Irak, un mercado accesible para alcanzar la habilitación para exportar ganado en pie. Las firmas exportadoras mencionaron que posiblemente los negocios no sean tan fluidos como Turquía pero es una alternativa que permite abrir más el foco.

De todas maneras, afirmaron que el único inconveniente que complicaría la exportación de ganado en pie a Irak es la operativa en el país del Medio Oriente: el ganado debería desembarcar en Turquía para cruzar por tierra a Irak, y eso podría causar malestar en el gobierno turco, por tanto, trancar la operativa.

Sin embargo, el Dr. Eduardo Barre dijo que van avanzar en el protocolo sanitario que permite la habilitación. Además, explicó que posiblemente en poco tiempo se pueda lograr el ingreso al nuevo mercado porque, como mencionó anteriormente, no es difícil de conseguir.



Galimberti: "IRÁN tiene gran potencial como futuro comprador de carne" Tienen una demanda con características muy similares a Rusia

10/03/2017 -.Días atrás el director de Food Forward, Juan Galimberti, viajó a Irán en busca de posibles futuros mercados. En contacto con el programa Valor Agregado de Carve describió su visita como algo "impresionante". Contó que el país tiene aproximadamente 80 millones de personas que consumen en un año alrededor de mil millones de toneladas de carne vacuna, "lo que lo hace un mercado ultra interesante", expresó.

Galimberti comentó que "Irán tiene un potencial de compra muy grande" y aseguró que "representa un destino de interés de acuerdo a los precios con los que se podría ingresar". Por tanto, remarcó la oportunidad para trabajar en una apertura de mercado dado que "el potencial de consumo es brutal". Actualmente importan productos desde la Unión Europea y Brasil.

"Irán significa un mercado con características muy parecidas a Rusia y con un poder de compra similar, aunque tiene muchas limitaciones de cómo proceder a la hora de vender", destacó el broker de carnes. Galimberti insistió en que el gobierno uruguayo, en conjunto con el Instituto Nacional de Carnes, "deberían establecer contactos para tener abierto ese mercado".

Costos. El director de Food Forward hizo referencia a que el gran problema que tiene Uruguay son los costos. Recordó que antes estábamos solos en China y en otros mercados, ahora se compite con Brasil, Paraguay y Argentina "y la única forma de competir con estos monstruos, que tienen mucho volumen, es compitiendo con el precio".

Señaló que otro problema "es la cobertura de grasa en los cortes". Expresó que en la mayoría de los mercados emergentes "el tema de la grasa es crucial, ellos prefieren animales magros, lo que es una desventaja para Uruguay a la hora de vender". Por lo que, además de competir en precio, se compite en los requerimientos de cada producto. En este sentido, expresó que "toda la cadena cárnica debe ponerse a tiro y tiene que entender que Uruguay ya no está solo en el mundo".

Foodex Japón 2017. Empresas japonesas apuntan a la carne vacuna proveniente de feedlots

09/03/2017 - Hay fuertes expectativas para que el mercado se habilite en el segundo semestre del año. La expectativa de quienes están en Japón y de los actores comerciales "es que para el segundo semestre del año Uruguay pueda tener la habilitación" para carne vacuna sin hueso, dijo Alejandro Berrutti. En el marco de FOODEX Japón 2017, "una feria de alimentos distinta a la que estamos acostumbrados a ir", el broker de carnes expresó, en Valor Agregado en Carve, que la embajada informó que si bien se viene avanzando "no pueden determinar el tiempo que puede llevar" concretar las negociaciones para la habilitación de la carne uruguaya a Japón.

"Nos dicen que los últimos tres puntos que faltan para dilucidar pueden llevar también su proceso", dijo. Berrutti agregó desde Japón que eso ha generado que algunas empresas hayan ido a Uruguay para hacer una introspección en el mercado. Los "extraordinarios" informes posteriores a la visita apuntan al ganado de corral, "con alto contenido graso". En este sentido, es importante destacar que, según el broker de carnes, Japón podría ser "perfectamente" un mercado interesante para un producto similar a la cuota 481; "es hacia donde las empresas están apuntando: a ganados provenientes de corral", señaló.

Otro punto a resaltar es que el mercado tiene pactado para las carnes -si Uruguay estuviera mañana habilitado- un 38,5% de arancel. Según Berrutti, es un arancel alto "pero muy similar al que tiene Australia"; por lo que al inicio, "estaríamos en condiciones similares de competencia en cuanto a los aranceles", explicó.

En lo que respecta a la feria, expresó que es muy específica del mercado asiático, donde los compradores que se mueven básicamente son de Japón, de Corea del Sur, de Vietnam y de Tailandia. Agregó que Uruguay, a través de Uruguay XXI, está presente en la feria y que acompañan en la misión sembrando los primeros contactos para cuando el mercado esté habilitado. "Por suerte hay empresas que demuestran interés", dijo.

Asociación Rural reclamó una mejora del tipo de cambio real

Marzo 9, 2017 Consideró que dólar debe estar "alineado a economías relevantes"

La Asociación Rural del Uruguay (ARU) abogó por mantener un Tipo de Cambio Real (TCR) "alineado a las economías relevantes", considerando que el dólar se "encuentra desalineado de sus fundamentos, en un valor cercano al 25%", según el documento entregado al presidente de la República, Tabaré Vázquez en la reunión realizada el martes pasado y divulgado luego por la gremial ruralista.

La entidad sostiene que el desarrollo del Uruguay está unido al crecimiento de la oferta exportable, para lo cual es imprescindible contar con unidades económicas estables, económicamente solventes, que aseguren al conjunto humano, productores, trabajadores, contratistas, abastecedores e intermediarios, niveles de ingresos adecuados.



También hace especial referencia a los costos de producción planteando que es necesario ajustar los precios de combustibles a los valores de "nuestros principales competidores, evitando cargas fiscales exageradas y transferencias vía subsidios a otros sectores de la economía. Similares comentarios al punto anterior en referencia a las tarifas públicas, se hizo en cuanto a la energía eléctrica.

En materia de infraestructura se requieren medidas inmediatas destinadas a bajar el costo del transporte carretero de carga, cuyos valores elevados han determinado que la región donde se produce sea determinante en la viabilidad de muchos rubros, particularmente agrícolas, en función de su distancia a puerto, expresa el documento de la ARU.

También la gremial consideró que Uruguay está condicionado por un Mercosur en crisis, con un enfoque totalmente diferente a los fines para los cuales fue creado.

Planteó como impostergable una estrategia de negociaciones que apunten a potenciar acuerdos comerciales estables con otros países o bloques, como forma de adaptación al nuevo escenario internacional.

Además reclamó mantener el largo plazo la estabilidad en materia fiscal ya que los ciclos productivos naturales son en la mayoría de los casos los más largos, respetando los postulados de la reforma fiscal del año 2007. En particular la ARU solicitó evitar que se grave los bienes de producción mediante impuestos ciegos que no se compadecen de la renta del negocio.

El estudio destaca por otra parte la capacidad del agro como multiplicador del empleo principalmente para trabajo poco o no calificado. También la ARU pidió que si se van a diseñar políticas que atiendan problemas distributivos, que se considere que un crecimiento del sector agropecuario es quién más arrastra los ingresos de los hogares más pobres respecto a otros sectores de actividad.

Las claves

Costos. Ajustar combustibles, energía eléctrica y el costo del transporte de carga.

Inserción. Utilizar el Mercosur como palanca para una integración global.

Interno. Garantizar la libre competencia para no alterar funcionamiento del mercado.

Tributos. Mantener la estabilidad en las políticas fiscales, evitando los "impuestos ciegos".

La cifra

25%

A un valor cercano a ese porcentaje debería mejorar la cotización del dólar, según un documento entregado por la Asociación Rural al presidente Tabaré Vázquez.

Contrapunto sobre tercera balanza y trazabilidad obligatoria

05/03/2017 - En el marco de la Conferencia Uruguay ¿potrero del mundo? Desafíos y oportunidades para la ganadería uruguaya, organizada por la Sociedad Rural de Durazno, Radio Carve y diario El País, se generó un interesante debate sobre el pago de las haciendas y la trazabilidad.

En la actividad, realizada en el marco de la Expo Durazno, más de 200 personas colmaron el salón demostrando el interés que tiene el tema.

Tercera balanza.

Gerardo Zambrano:

"Las proyecciones de la cuarta, de la tipificación electrónica, están bien, pero son objetivos a largo plazo y los productores tienen que vivir esta tarde, mañana. Hay temas inmediatos a considerar. Y en definitiva los productores aportan a INAC y tienen derecho. No hay que enojarse, ni ser fundamentalistas. No es un tema de desconfianza. Seamos prácticos, los productores quieren tercera balanza ¿cuál es el problema? Que la industria pague lo que quiera, pero en tercera".

Marcelo Secco.

"Constructivamente me parece bien que las cosas se revisen. Bienvenido que se analice, pero tienen que estar los que saben. Me crié en esto que los problemas de confianza o desconfianza se generan, o no, siempre que tengamos opciones. Y hoy están todas. Hay que venderle a otro... No es negarse a revisar nada. Manejemos los ámbitos que gremialmente tenemos para hacerlo para generar una construcción positiva".

Federico Stanham.

"Este es asunto cerrado. Así lo ha manifestado el Ministro y el Decreto está alineado con esa filosofía. La confianza o desconfianza se incentiva, se genera, se estimula si no se maneja información exacta de lo que esté pasando. Desafío a cualquiera que diga exactamente qué es el dressing. No se sabe lo que es. Tenemos que dar certezas y no incertidumbres. Más información, más precisión. Y no es correcto, no es verdad, que un trabajador haga lo que quiera con el cuchillo en las canales, desafío a cualquiera que vaya y mire. Y menos después de la aplicación del decreto 310 del 2016".

Trazabilidad.

Gerardo Zambrano.

"Los productores deben tener la suficiente fuerza para decir lo que les viene bien. Entonces, si cuestionan la trazabilidad individual obligatoria porque entienden que no les dio ningún beneficio. Hacen todo y en la



región tienen el precio de novillo más bajo, ¿Entonces cuál es el beneficio? Si los productores quieren que se revea el tema de la trazabilidad obligatoria para transformarla en una trazabilidad opcional ¿Por qué no hacerlo?"

Federico Stanham.

"¿Se puede revisar la trazabilidad obligatoria? No. Y la pregunta que vale es ¿sin trazabilidad qué? Eso es más importante que cuestionar la trazabilidad en sí. Por algo somos ejemplo. Sí tenemos que tomar como desafío, nos debemos un análisis profundo sobre beneficios y costos del sistema, pero mientras tanto hay cosas que son incontrastables".

Zambrano dijo que trabajó por la trazabilidad pero ahora ve que se equivocó

Marzo 3, 2017 El empresario señala que la herramienta es muy costosa y compleja, y debe ser revisada. El consignatario y productor Gerardo Zambrano, director de Zambrano & Cía, dijo que es el momento de ver qué beneficios y perjuicios, necesidad, costo e implicancias tiene la trazabilidad; y llamó a no temerle al cambio "La trazabilidad fue muy compleja y costosa; no digo que hay que sacarla sino replantearla", expresó.

El empresario participó este jueves de la conferencia denominada Uruguay ¿potrero del mundo?, desarrollada en el marco de la Expo Durazno, con la organización de diario El País y radio Carve.

Recordó que en el gobierno de Jorge Batlle se planteó la idea de la trazabilidad individual obligatoria y él estuvo de acuerdo y que trabajó para su puesta en marcha, "pero ahora veo que me equivoqué", afirmó. El empresario también se refirió al Mercosur, que no le aporta nada al país y que por el contrario impide acuerdos por fuera del bloque; a los problemas de infraestructura; y a la burocracia que implican todos los trámites burocráticos para embarcar haciendas a frigoríficos o mover ganados de un establecimiento a otro.

"Esa burocracia implica costos y complicaciones de manejo que muchas veces obligan a hacer las cosas mal. Embarcar un ganado a frigorífico tiene un costo de US\$ 12 por animal, que significan US\$ 25 millones en costos directos para el productor, solo en trámites", remarcó.

Por otra parte mostró gráficos que señalaban que la diferencia existente en el precio del ganado de Uruguay y los demás países de la región, también existe en el precio del gasoil.

"El BROU está priorizando el crédito a las pymes y descuidando al sector más fuerte de la economía que es el agro", afirmó Zambrano en la conferencia. El BROU está priorizando el crédito a las pymes y descuidando al sector más fuerte de la economía que es el agro

Indicó que Brasil dejará de vacunar en 2018, buscando mejorar condiciones y bajar costos a los ganaderos; y que Paraguay abrió 13 nuevos mercados para su carne en 2016. "Ninguno de estos países tiene trazabilidad individual obligatoria, sin embargo su ganado vale más que el de Uruguay", remarcó.

Zambrano comenzó su exposición repasando los números de la ganadería uruguaya. Destacó el alto volumen de faena de 2016, el mayor desde 2009, el récord de exportación de ganado en pie y el stock vacuno más alto de la historia, superando las 12 millones de cabezas.

Sobre las exportaciones cárnica de 2016 señaló que se lograron US\$ 1.440 millones, con crecimiento de 11% en volumen y baja de 10% en precio.

Remarcó que si a Uruguay le brindan condiciones igualitarias demuestra ser muy competitivo y prueba de ello es el mercado de la cuota 481, que representa 12% del monto que ingresó al país en materia de exportación de carne vacuna.

Señaló que 25% de las exportaciones de Uruguay corresponden a la ganadería, sumando carne, ganado en pie, cuero y lana.

Exportación de ganado en pie

Para Zambrano la exportación de ganado en pie es absolutamente imprescindible para la ganadería. Reconoció que es un problema que casi 91% de los ganados se vayan a Turquía, pero señaló que otros países ganaderos también tienen una fuerte corriente exportadora. Puso el ejemplo de Australia, que exporta casi 1 millón de cabezas.

El empresario se refirió a un estudio realizado por Plazarural, en base a los precios promedios obtenidos en los remates, que muestra que la única categoría de reposición cuyo precio no bajó en 2016 fue la de terneros, y la que menos bajó fue la de terneras. Concluyó que eso se debe a la cuota 481 y a la exportación de ganado en pie.

La extracción

Sobre la extracción de ganado, Zambrano indicó que en Uruguay es de 21%, mientras que en Australia, Estados Unidos y Canadá es de 30%. "Necesariamente tenemos que tener una extracción mayor, competitiva con esos otros países. En 2016 produjimos 2,7 millones de terneros, quiere decir que en el país están sobrando casi 200 mil cabezas", dijo.

"Si sacamos la exportación de ganado en pie, ¿qué hacemos con los 800 mil terneros que sobran? Eso irá en contra del precio", sostuvo.

Endeudamiento y acceso a créditos



En cuanto al endeudamiento del sector agropecuario señaló que suma US\$ 2.500 millones, aunque reconoció que la ganadería no está tan comprometida como la lechería o la agricultura. De todos modos señaló que tiene una deuda de US\$ 750 millones.

Dijo que actualmente el acceso al crédito es un problema y que lo será aún mayor debido a los cambios que se están implementando en el Banco República. "Vemos que se está priorizando el crédito a las pymes y descuidando al sector más fuerte de la economía que es el agro. Es un problema grave", señaló.

Oportunidades y desafíos

Entre las oportunidades, Zambrano señaló la probable apertura del mercado de Japón; que Estados Unidos y Australia se vuelven países caros; y que Uruguay despierta el interés de inversores extranjeros.

Entre los desafíos Zambrano planteó la continuidad de la cuota 481, mercado que permitió mejorar la genética y ser más eficientes en cría y recría. Señaló además que permitió bajar la edad de faena, dinamizar los negocios por terneros y mejorar la demanda de insumos, generándole un mercado alternativo a la agricultura.

La previsibilidad de precios en el engorde es otra de las mejoras que generó la cuota 481, así como la mejora general del negocio ganadero, remarcó el empresario. Zambrano enfatizó que no hay nada pero para un negocio que la incertidumbre.

Otro desafío que planteó Zambrano fue la apertura de nuevos mercados para el ganado en pie. "No hay otra alternativa para complementar la faena y lograr una mayor extracción", afirmó.

Y además reclamó que haya mercados alternativos para la producción de la cuota 481.

Destacó la buena intención del gobierno de mejorar el acceso a los mercados, pero reclamó su concreción.

No hay cadena

Zambrano afirmó que en la carne no hay cadena, porque los diferentes actores no se unen por un objetivo común, y consideró que deberían hacerlo para bajar costos, por ejemplo.

"Hay intereses distintos y es imposible plantear cosas en conjunto entre las diferentes cámaras empresariales. Hay que unir la cadena cárnica", dijo.

Agregó que los productores reclaman que las haciendas se pagan en la tercera balanza y desde el gobierno se plantea una solución al problema del dressingo con la tipificación electrónica que recién comenzará a funcionar en 2018.

Zambrano dijo además que si la información que ofrece INAC no se usa es porque no se trata de una herramienta aplicable a la producción del ganadero promedio.

Eduardo Barre fue designado nuevo titular de Servicios Ganaderos

Marzo 3, 2017 Sustituye a Francisco Muzio quién se jubila luego de una extensa trayectoria

El médico veterinario Eduardo Barre fue designado por el ministro Tabaré Aguerre como nuevo director de la Dirección General de Servicios Ganaderos. En la resolución firmada por el presidente de la República, Tabaré Vázquez, se indica que la designación es a partir del 1o de marzo de 2017.

Barre sustituye a Francisco Muzio, quien se acogió a los beneficios jubilatorios luego de una amplia y prestigiosa trayectoria que incluye la dirección de la DGSA en los últimos 12 años, expresa una comunicación del MGAP.

Está prevista la realización de un acto oficial este miércoles 8 a las 14:30 horas, en la sala de conferencias de DILAVE. En esa instancia, también será homenajeado el doctor Francisco Muzio.

Barre está vinculado al MGAP desde hace 39 años, donde se desempeñó en diferentes cargos de responsabilidad.

En el MGAP actuó como Adjunto a la Dirección de División de Sanidad Animal desde el año 2015. En 2009 asumió la coordinación de Campo de la División Sanidad Animal. Desde el 2006 hasta la fecha se desempeñó como encargado de la Estación Cuerentenaria Sanidad Animal – DGSV – MGAP.

PARAGUAY

Carne paraguaya pasó su primer examen para su ingreso en el mercado estadounidense.

08 de marzo de 2017 La carne paraguaya superó la primer etapa con el Servicio de Inspección Sanitaria de Plantas y Animales (APHIS) y el martes 7 de marzo, inició el proceso con el Servicio de Inspección de Inocuidad Alimentaria (FSIS) que sería la última etapa del proceso que se espera culmine en el 2018, con la apertura del mercado estadounidense, según informó el diario La Nación de Paraguay.

El Viceministro de Ganadería Marcos Medina, comentó que la carne paraguaya se enfrenta a dos instituciones, que son las encargadas de los aspectos sanitarios e inocuidad de alimentos: La APHIS y la FSIS. Con la primera ya se tuvo un resultado favorable con la aprobación de la parte sanitaria, ahora comienza el proceso sobre la inocuidad de los productos cárnicos.



En cuanto a la importancia del mercado estadounidense refiere que se proyecta sea un de los mayores importadores mundiales y se considera un mercado importante en cuanto a la denominada carne natural, un tipo de carne producida en el Paraguay por el tipo de alimentación del ganado.

El Viceministro Medina también hizo referencia a otro mercado importante para el país, "Hong Kong es uno de los mercados objetivos que nos propusimos como meta, es un mercado donde tuvimos acceso a través de lo que se denomina como la proveeduría marítima, la carne paraguaya no entra directamente a tierra, sino solo a través de ciertos puertos que sirven de distribución hacia actividades desarrolladas en el ámbito marítimo como plataformas petrolíferas, barcos, etc.".

Este mercado es una oportunidad por el volumen, pero con la desventaja de los menores precios, a los que se tiene en el mercado de tierra firme.

Aftosa: Brasil reducirá vacunación y Paraguay estudia esa situación Anuncio oficial se hará en abril próximo

7 de Marzo de 2017 Brasil analiza posibilidad de adelantarse en reducir la vacunación contra la fiebre aftosa, desde el 2018. Según los informes el ministro de Agricultura de ese país, Blairo Maggi, se prepara a anunciar en abril próximo el cronograma para abandonar gradualmente la práctica de la vacunación. Paraguay tendrá que adecuarse a esa nueva estructura, dijeron ayer en Senacsa.

En la página digital Valor Carne el citado ministro brasileño habla de un cronograma para cambiar la composición de las vacunas y abandonar gradualmente la vacunación en su país. La comunicación oficial de esa decisión la realizará durante la reunión de la Comisión Sudamericana para la Lucha contra la Fiebre Aftosa (Cosalfa), a realizarse a principios de abril próximo.

El proyecto de Cosalfa apunta a dejar de vacunar contra la fiebre aftosa en la región desde el año 2020, pero el programa consta de varias etapas intermedias. Se establecerían tareas que se deberán desarrollar en materia de vigilancia y otros. Cosalfa integran organismos sanitarios de Argentina, Bolivia, Brasil, Chile, Colombia, Ecuador, Guyana, Panamá, Paraguay, Perú, Surinam, Venezuela y Uruguay.

De concretarse el anuncio, Brasil dejaría de vacunar 80 millones de cabezas desde noviembre de 2018. Guilherme Marques, director de Salud Animal del vecino país, manifestó que "ya está decidido, ahora es preciso definir cómo y cuándo será llevado a cabo", el cronograma para retirar la vacunación. "No habrá sorpresas, todo será hecho de manera organizada, respetando la situación sanitaria de los diferentes estados", dijo y agregó que están en una posición muy cómoda, tanto por la inexistencia de circulación de virus de la aftosa en su país y en la región, como por la alta respuesta inmunológica de sus rebaños. Valor Carne advierte que la experiencia argentina de 1999 debe servir como ejemplo de lo que no debe hacerse en el tema aftosa.

Consultado sobre el anuncio del ministro brasileño, Enrique González, de Senacsa, dijo que verá cómo manejar la situación. "Tenemos que adaptarnos y ver el plan dentro del contexto internacional y regional. También está el plan del 2020, Brasil por lo menos quiere adelantar la no vacunación", dijo.

"De hecho tenemos que adecuarnos a esa nueva estructura o a esa nueva etapa y también orientar nuestro trabajo para levantar la vacunación en los tiempos estimados", puntualizó.

Lo que desean modificar

El plan brasileño es modificar la vacuna, retirándose el virus C de su composición, ya que fue erradicado hace 13 años en la región. Actualmente es trivalente y protege al rebaño de los virus A, C y O; y en el año 2018, será bivalente conteniendo sólo las cepas A y O. Así la dosis disminuirá de 5 a 2 ml, previéndose una reducción de costos en la fabricación, transporte y conservación de la vacuna.

Misión paraguaya asegura que está cercana la apertura de HONG KONG

06/03/2017 - Durante enero, Paraguay aumentó las exportaciones 9,4%. En el 2016 se exportaron 240.384 toneladas de carne bovina por un valor de US\$ 953,3 millones, según datos del Senacsa. Foto: La Nación PY

La Nación – Paraguay | Una delegación compuesta por autoridades del Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal (Senacsa) y miembros de la Cámara Paraguaya de Carnes partió con destino a Hong Kong para negociar con autoridades locales la exportación de carne paraguaya a dicho país.

La misión técnica se encuentra encabezada por los doctores Primo Ricardo Feltes y Arnaldo Bavera del Senacsa, acompañados de Juan Carlos Petengill y Felipe Azarías por parte de la Cámara Paraguaya de Carnes y los frigoríficos Guaraní y JBS, respectivamente.

En Hong Kong la delegación público-privada tiene previsto reunirse con técnicos del Servicio Veterinario oficial del país asiático, al igual que miembros del sector privado, con la intención de realizar negociaciones para abrir el mercado hongkonés a los productos cárnicos paraguayos.

Buen momento del sector. El sector cárnico en el país se encuentra atravesando un buen momento, con el aumento de las exportaciones de carne a mercados del exterior, que alcanzaron un aumento histórico de 9,4% en el mes de enero de este año, en comparación con enero del año pasado, totalizando más de 21 mil toneladas exportadas y US\$ 85,2 millones.



Igualmente, el país se encuentra en la búsqueda de nuevos mercados, buscando ampliar la presencia de la carne paraguaya en 70 mercados más, tal como lo manifestó el viceministro de Ganadería, Marcos Medina.

Carne: aceleran acuerdo con Hong Kong

10 de Marzo de 2017 La presencia de la delegación paraguaya en Hong Kong logró acelerar el proceso de apertura de este importante importador de carne bovina y menudencias, para ingresar por una de las mayores puertas al continente asiático, informó Juan Carlos Pettengill, vicepresidente de la Cámara Paraguaya de Carne (CPC).

“Hace casi dos años que la CPC, en conjunto con Senacsa, se aventuró en la apertura del mercado de Hong Kong. Al establecer estas relaciones con las autoridades de Hong Kong, hoy podemos decir que estamos cerca de esa tan ansiada apertura”.

El gremialista dijo que resta por definir el modelo de certificación sanitaria a ser implementado, y posteriormente la verificación de las condiciones y garantías que ofrece nuestro país tanto en el sector productivo como industrial del sector cárnico.

De acuerdo a los datos proporcionados por la CPC, esta región administrativa especial de la República Popular China importa el 7,4 por ciento de toda la carne comercializada en el mundo, ubicándose en la cuarta posición según datos del Departamento de Agricultura de los EE.UU.

BID: Destacan cómo Paraguay se convierte en campeón de exportación de carne

10 de Marzo de 2017 El portal de Intrade-BID explica cómo Paraguay se convirtió en campeón de las exportaciones de carne al mundo. Refiere a que exportó US\$ 420 millones más de carne al mundo que Argentina en 2015, por US\$ 1.300 millones, un poco por debajo de Uruguay, que exportó carne por US\$ 1.600 millones en 2016. Intrade-BID es un portal con información sobre integración y comercio de Latinoamérica y el Caribe, desarrollado por el Banco Interamericano de Desarrollo.

Menciona que hoy es más común que un ruso coma carne paraguaya de que lo haga un americano o un español. Señala que Rusia es el segundo mercado de exportación de la carne paraguaya con un valor de US\$ 280 millones en el año 2016, según informes de Senacsa. Rusia importa carne principalmente para el procesamiento industrial; es decir, para la elaboración de hamburguesas, salchichas y otros productos alimenticios.

Expresa que a partir del 2015, los vuelos de la línea aérea Qatar Airways ofrecen carne paraguaya a sus pasajeros. Se estima, que se embarcaron 77.000 kilogramos de lomito, lo que significa porciones suficientes para alimentar a 400.000 viajeros. Refiere también a la exportación de 1.900 vacas de raza premium y 50 toros reproductores a Ecuador.

Destaca que el éxito paraguayo en el sector de carne es el resultado de una efectiva alianza público-privada que se inicia en el 2005 entre empresarios, Gobierno, la Asociación Rural del Paraguay, frigoríficos exportadores, universidades y científicos que se unieron para mejorar la calidad del producto, superar barreras –sobre todo sanitarias– que limitan la exportación, y posicionar a nuestro país en los mercados internacionales.

Finalmente, menciona que en la próxima reunión de gobernadores del BID, a realizarse en Asunción, Paraguay presentará su nueva marca-país y compartirá su éxito exportador con autoridades, empresarios y académicos de unos 30 países.

UNIÓN EUROPEA

Proyección de corto plazo

The Commission publishes today its short-term outlook for arable crops, olive oil, meat and dairy markets in the EU for 2017-2018, confirming that the reduction in the EU milk supply at the end of 2016 contributed to a significant recovery in EU milk prices. Exports and domestic demand led to record high prices for butter and a significant price recovery for cheese. By contrast, the skimmed milk powder (SMP) price is expected to remain around current levels given the high stock levels and that the seasonal peak of milk collection is still to come. Low cereal prices were driven by abundant world supply and stocks. By contrast, EU cereal production declined by 5.5% in 2016/2017, following smaller-than-average soft wheat and maize harvests. This should result in a slowdown in EU cereal exports. EU rapeseed harvest was also below average but, given the large world oilseed supply, this only resulted in a small price surge. EU sugar prices are catching up with high world prices. As for olive oil, low 2016/2017 production (13% below average) together with low stock levels resulted in higher prices. EU meat production reached a record level in 2016 but is showing signs of downward adjustments. Sustained pig meat exports to China facilitated a recovery in the EU price. Continued good beef exports held EU price decreases in check. The production of sheep meat is growing at a slower rate, on the back of lower prices.



Pagamentos diretos de subsídios são essenciais ao setor da carne bovina europeu
07/03/17 - por Equipe BeefPoint

O setor europeu de carne bovina deve manter os seus pagamentos diretos quando a Política Agrícola Comum (PAC) da União Europeia (UE) está sendo revisada, de acordo com uma nova pesquisa destacada pelo Parlamento Europeu.

O relatório “O setor bovino da UE: desafios e oportunidades – leite e carne”, publicado em 27 de fevereiro pela comissão parlamentar de agricultura e desenvolvimento rural, disse que estes pagamentos desempenharam um papel importante na renda dos produtores familiares. Os pagamentos diretos eram mais importantes entre fazendas de engorda especializadas do que entre fazendas leiteiras. A pesquisa destacou que os produtores de carne bovina receberam mais dinheiro dos pagamentos diretos da UE do que vendendo carne.

O estudo de 176 páginas acrescentou que, com a expectativa de aumento da produção de leite e carne nos próximos 10 anos, estratégias de marketing eficazes, incluindo programas financiados pela UE, são essenciais para impedir o aumento da oferta, resultando em preços mais baixos dos produtos. Estas estratégias devem incluir a diversificação dos produtos na UE e o crescimento das exportações fora da UE em mercados-chave, incluindo China, Egito e Indonésia.

A importância do comércio marítimo para o setor de carne da UE foi a principal mensagem do relatório de 190 páginas chamado “Impactos dos acordos comerciais da UE no setor agrícola”, lançado pela Comissão Europeia no mesmo dia.

Referindo-se a cinco estudos de caso, entre os quais um relativo às exportações dinamarquesas de carne suína para a Coreia do Sul, o relatório da consultora Copenhagen Economics examinou os efeitos dos acordos comerciais UE-México, UE-Coreia do Sul e UE-Suíça. O comissário da agricultura da UE, Phil Hogan, disse que esses acordos “aumentaram as exportações agroalimentares da UE em mais de 1 bilhão de euros”.

O relatório concluiu ainda que as respostas a novos acordos comerciais adicionais dependiam da atratividade do novo mercado de exportação em relação a outros (neste caso, a China e o Japão). Outros fatores importantes foram a medida em que os consumidores nos novos mercados escolheriam produtos importados em detrimento de produtos locais e preocupações ambientais.

Avances en la negociación con NUEVA ZELANDA por acuerdo de libre comercio

Commissioner for Trade, Cecilia Malmström, and New Zealand's Minister of Trade, Todd McClay, met today in Brussels to mark the end of preparatory talks for potential EU-New Zealand trade negotiations. Over the last months, representatives from the EU and New Zealand have examined all bilateral economic issues to define the areas to be covered and the right level of ambition for any future negotiations. As a next step, the European Commission will ask Member States for a negotiating mandate to negotiate on behalf of the EU on the basis of specific objectives. In parallel, the Commission is finalising its assessment of the potential impact of such a trade deal, taking into account the preliminary scope agreed today. This assessment will take into account new opportunities that an EU-New Zealand trade agreement could create for EU businesses, as well as agricultural sensitivities that need to be accommodated. The discussions started in October 2015 based on new policy orientations set out in the EU trade and investment strategy "Trade for All". With annual bilateral trade amounting to more than €8 billion, the EU is New Zealand's second largest trading partner after Australia. For the EU, trade with New Zealand results in a positive trade balance of €1.3 billion, and EU companies hold nearly €10 billion in foreign direct investment in New Zealand. Any potential deal would aim to further deepen this trade and investment relationship. More information is available on the website of DG Trade. Video and photo footage from today's meeting can be found on EbS

Comisión Europea felicita a FRANCIA por la apertura del Mercado CHINO

[Mise à jour: 6/3/2017 La Chine a annoncé son intention de lever son embargo sur les importations de bœuf français pour les animaux âgés de moins de 30 mois. Ce succès est le fruit d'un effort de diplomatie commerciale européenne de longue durée. L'UE a des mesures de contrôle et de surveillance strictes en place, qui garantissent la sécurité des viandes bovines européennes, et les Etats Membres de l'UE se conforment à toutes les normes internationales applicables. L'Organisation Mondiale du Commerce exige que toutes les interdictions et restrictions en place pour les produits bovins de l'UE dans le monde entier soient levées le plus vite possible. Cependant, certains États Membres sont toujours confrontés à un certain nombre d'interdictions et de restrictions liées au risque présumé d'encéphalopathie spongiforme bovine (ESB) dans de nombreux pays, comme la Chine, la Corée du Sud et Taiwan. La Commission continue de travailler pour la réouverture complète de tous ces marchés.



BREXIT estimula búsqueda de otros mercados para carnes y leche

TheCattleSite News Desk 06 March 2017 UAE - Ireland's \$21 billion (Dh77 billion) food and beverage industry is turning to the Middle East for sales as the UK - its biggest buyer - prepares to move ahead with Brexit and leave the European Union.

According to Gulf News, the UK accounts for 43 per cent of Ireland's agriculture exports, buying about €1 billion (\$1.1 billion) each of beef and dairy products a year, Agriculture Minister Michael Creed said Wednesday (1 March) in an interview in Dubai.

Ireland's biggest markets in the Middle East are Saudi Arabia, at about €135 million a year, and the UAE, at about €60 million, with cheese and other dairy products leading sales in both, he said.

Ireland, an EU member, reached an agreement this week to sell processed, cooked, minced and bone-in beef to Saudi Arabia, Mr Creed said.

No other country is feeling the pressure from the UK's vote to leave the trading bloc more than Ireland. The UK is the top destination for the country's exports including Diageo PLC's Guinness beer and the Ormu farm cooperative's Kerrygold butter made from the milk of grass-fed cows. Thirty years of EU quotas that limited milk production ended in 2015, leaving 18,000 Irish dairy farmers to look for new export markets to take in their growing output.

"Trade wars don't suit us," Mr Creed said. "Trade missions in the context of Brexit take on an added imperative."

Ireland wants to boost its agriculture exports to €19 billion by 2025 from €11 billion in 2016, he said. The Middle East, North Africa and Southeast Asia are attractive because of a growing middle class, Westernised diets and increased consumer spending, he said. China is now Ireland's second-biggest market for dairy and pork exports, after the UK.

Mr Creed is in Dubai this week after visiting China, Vietnam, South Korea, Singapore, Saudi Arabia, Morocco and Algeria in the last few months, he said. About 90 per cent of his nation's farm output is exported. Its food and beverage industry has annual production valued at about €20 billion, said Tara McCarthy, chief executive officer of the Irish Food Board.

"We have identified hot spots around the globe that we see as offering significant potential," Mr Creed said, highlighting opportunities in areas of the Middle East, North Africa and Southeast Asia.

Ireland hasn't been able to take advantage of a trade deal it completed in October to export sheep meat to Iran because of difficulties in getting payments out of the country, he said. Iran can be a gateway for sales elsewhere, including Russia, which is currently closed to direct exports of some EU foods, including dairy products, due to sanctions.

"If we can get into Iran, the opportunities for re-export from Iran into other countries are significant," he said.

IRLANDA: Cierran contrato para enviar bovinos vivos a TURQUÍA

10 March 2017 IFA National Livestock Chairman Angus Woods said IFA has been in contact with Purcell Brothers and welcomed the positive news this week that they have secured a live cattle contract for exports to Turkey. He said this is a very positive development and a major boost to the livestock sector.

Mr Woods said it is expected boats will begin to sail in late April and continue after that. The requirement is for young bulls under 12 months of age.

He said IFA has been working with exporters and buyers as well as with the Department of Agriculture to get the Turkish trade moving again. He said there is great interest in Irish cattle and he expects further contracts to be secured.

Mr Woods said IFA worked hard to get the live export market to Turkey opened last year and it was very positive that more than 19,000 cattle were exported between September and December last year by the Meath-based export company Viastar, with significant price benefits being returned to cattle farmers in marts all across the country.

The live export trade is essential for competition in the livestock sector and was never needed more at this time of rising cattle numbers.

Mr Woods said Turkey is a major live export market and a great opportunity for the Irish livestock sector. Turkey has an import requirement for 400,000 head of live cattle annually. In 2015, Turkey imported 380,000 head of cattle from Europe and South America. Turkey is a high volume destination, capable of paying good prices.

Mr Woods said live cattle exports continue to rise and reached 8,302 head for week ending 26 February. Calf exports continue to rise week-on-week and totalled 6,646 head while 857 adult cattle, 452 weanlings and 347 stores were also exported. He said the recent move to reduce charges on calf exports by €1,150 per load is a major boost to the trade.

Looking at destinations, Mr Woods said 4,453 head went to the Netherlands, 2,099 to Spain, 786 to Northern Ireland, 388 to Great Britain, 272 to Belgium, 244 to Italy and 60 to Greece.

TheCattleSite News Desk



ESPAÑA confirma un caso atípico de BSE

10/03/ 17 Spain has confirmed a case of bovine spongiform encephalopathy (BSE), commonly known as mad cow disease, in the northwestern province of Castilla y Leon, the World Organisation for Animal Health (OIE) said on Friday.

Routine testing showed a positive result for atypical BSE type L disease in a tissue from an animal in a cattle farm in Horcajo Medianero, near the town of Salamanca, the Paris-based OIE said, citing a report from Spain's agriculture ministry.

Widespread cases of mad cow disease hit cattle herds in Britain and other European countries in the 1990s. The so-called atypical cases have occasionally been detected in recent years and can lead to temporary trade restrictions.

ESTADOS UNIDOS

Existencias de Ganado bovino confirman ciclo expansivo

By Doug Mayo, University of Florida Extension March 08, 2017 The U.S. Department of Agriculture (USDA) released their January cattle inventory report on January 31st. For the beef cattle industry this is the annual supply report card. The total number of cattle and calves rose 2% from 91.9 million head on January 1, 2016 to 93.6 million on January 1, 2017. This is the third straight year of increase in total inventory.

The total inventory of cattle was up 2% as of January 1, 2017 as compared to 2016, but there were differences among the individual categories of cattle. The inventory of breeding beef cows was up 3%, calf crop up 3%, bred heifers up 2%, and open replacement heifers up 1% as compared to last year. The dairy cow inventory was up only 39,000 head, while bred and open dairy replacement heifers were down 1%. Cattle on feed was also down slightly, 1% or 90,000 head from the previous year.

US cow-calf operations have been building up the breeding herd for the past four years. The chart below shows that since 2014 breeding beef cow inventory in the US have increased 7%, while over that same four year period, beef replacements have increased 16%. Some of this increase was certainly influenced by a significant increase in cattle prices, but it was also greatly influenced by above average rainfall in the Southwest the ended long-term droughts in that region.

This beef herd expansion has not been the same across the country. I have had a number of cattlemen ask about herd expansion, because they have not noticed a dramatic increase in their home area. This is true; The increases to the breeding herd in the Southeast have not been as significant. The chart below shows the numbers reported for number of cows that calved from four southeastern states as compared to Texas and Oklahoma in 2017 and 2014.

Beef herd expansion since 2014 has not been the same nationwide. Texas and Oklahoma have seen double digit growth in the inventory of calving cows over the past four years. Much of this relates to the boost El Niño rains provided to range and pastures in that region in 2015-16. In comparison, the beef herd inventory in Southeast has remained relatively stable and has not seen significant expansion. Both Florida and South Carolina had a less than 1% increase in the number of calving beef cows. Alabama was the only state in the Southeast that had modest increase of 12,000 head increase over this four year period. In Georgia, the beef herd actually decreased slightly by 3,000 head.

The big question that remains to be answered is how steep declines in cattle prices last year will influence beef herd expansion in the years ahead. Market prices do have a significant effect on all types of commodity production. As prices rise, producers expand, and as they decline, they reduce. The cattle industry is unique, as compared to other livestock or crop commodities. The big difference with the cattle business is that the reaction time is much slower. It takes several years to really expand, and if reductions are made too quickly the market glut causes prices for cull animals to drop dramatically below the level of investment. With this increase in supply, it does not appear that cattle prices will be rising for a while, unless the export market or US consumption improves demand significantly. But with retail prices falling lately, prices may stabilize some as consumer demand adjusts to a lower price range.

Buen inicio de año para las exportaciones de carnes bovinas. Japón y Corea marcan el ritmo

10 March 2017 - January exports of US beef and pork were up significantly year-over-year, maintaining the solid momentum established in the fourth quarter of 2016, according to statistics released by USDA and compiled by USMEF.

Beef exports totaled 96,488 metric tons (mt), up 17 per cent from a year ago, valued at \$515.5 million – up 18 per cent and the highest ever for the month of January. Exports accounted for 12.2 per cent of total beef production and 9.5 per cent for muscle cuts only – with both ratios being fairly steady with January 2016. Export value per head of fed slaughter was \$256.62, up 7 per cent from a year ago.



"The red meat industry entered 2017 with an optimistic outlook, confident that we can continue our recent strong momentum in the international markets," said Philip Seng, USMEF president and CEO.

"The January results certainly validate that feeling, but we understand that significant challenges still lie ahead. With record-large pork production and beef production also trending higher it's more important than ever that we capitalize on our abundance of protein, and move more product out of the country by growing US market share in established markets and breaking new ground in emerging destinations."

Beef exports still red-hot in key Asian markets

Beef exports were higher year-over-year to most major destinations, but Japan and South Korea continued to be the pacesetters for the start of 2017. Exports to Japan were up 34 per cent in both volume (22,487 mt) and value (\$125.2 million), with muscle cut exports climbing 41 per cent. Exports to Korea achieved similar growth, with volume up 35 per cent to 15,194 mt and value increasing 36 per cent to \$91.6 million – maintaining the pace that carried exports to Korea over the \$1 billion mark for the first time last year.

Other January highlights for US beef include:

Exports to Mexico were 26 per cent above last year's pace in volume (19,151 mt) and up 11 per cent in value (\$76.2 million). Exports to Canada also rebounded, up 8 per cent in volume and 11 per cent in value (9,885 mt; \$60.8 million)

Following a record year for export value, exports to Taiwan climbed 24 per cent in both volume (3,591 mt) and value (\$29.9 million).

Led by growth in the Philippines and renewed momentum for US beef in Indonesia, exports to the ASEAN region were up 56 per cent in volume to 2,556 mt and 45 per cent in value to \$14.1 million.

TheCattleSite News Desk

Mayor consumo per capita de carnes bovinas en 2016

09 March 2017 - Both supply and demand dimensions interact in a marketplace to determine price. Here we will largely abstract from the domestic demand and focus on beef production and disappearance compared to cash fed cattle price, according to the Steiner Consulting Group, DLR Division, Inc.

To begin we will take an annual view, and then we look at how the first quarter of this year is evolving. To simplify the story, the gleaned data are:

Commercial beef production as reported by USDA's National Agricultural Statistics Service.

Per capita beef disappearance (sometimes referred to as consumption), a calculated number by USDA-WAOB and ERS. The calculation takes beef carcass weight data on production - exports + imports and adjusts for frozen stocks. Then that annual or quarterly number is converted to an estimated retail weight equivalent (quantity as presented at a typical grocery store). That "supply" is then divided all that by US population.

Per capita total red meat and poultry disappearance (calculated in the same manner as beef).

Fed steer cash market prices are reported by USDA-AMS, Market News (5-market average).

In Table 1, the annual data are given. For 2017 and 2018 the forecasts are by the Livestock Marketing Information Center (LMIC). Note USDA has not yet provided formal WASDE forecasts for 2018. In 2016, US beef production was the largest since 2011 and increased by about 1 billion pounds year-over-year.

Per capita beef disappearance in the domestic market increased by 1.4 pounds compared to 2015's and was the largest since 2013. Last year, per person domestic total red meat and poultry disappearance was up about 3 pounds year-over-year and the most since 2008. Fed cattle prices in 2016 were the lowest since 2011 (note that prices are not adjusted for inflation).

The general economic fact that higher supply in a market lowered prices held true in 2016. Again, as a reminder we have glossed over some important aspects of consumer demand, packer margins, etc.

Turning to a first quarter perspective, see Table 2. Some estimates are required, as at the time of this writing USDA had not released January's official data for imports or exports and monthly weighted average fed cattle prices were only available for January; so as in Table 1, the LMIC 2017 projections are used.

Before we get to 2017, it is useful to review the first quarter of 2016. Last year fed steer prices were under pressure compared to 2015's due to more beef production, which rather directly translated into more beef per person (disappearance), and also faced more tonnage of pork and poultry as implied by total red meat and poultry disappearance.

For 2017's first quarter, we highlight changes compared to 2016 levels. US beef production is projected to rise just over 5 per cent compared to 2016's. However, on a per capita basis disappearance is projected to be about unchanged year-over-year for both beef and total red meat and poultry.

What that indicates is the role of international trade. The major change from 2016 is a projected increase in exports and reduction in imports, a secondary factor is the growing US population. So, even though US beef production will clearly increase for the first quarter of 2017 versus '16, fed cattle prices are very similar.



Congreso inició consultas en preparación de la próxima FARM BILL

07 March 2017 - The US House of Representatives Committee on Agriculture is currently conducting a series of subcommittee hearings in preparation for the next farm bill.

On 28 February, the Subcommittee on Livestock and Foreign Agriculture held a hearing titled The Next Farm Bill: International Market Development. The primary focus of the hearing was to examine the benefits derived from the USDA Market Access Programme (MAP) and Foreign Market Development (FMD) Programme.

USMEF President and CEO Philip Seng was invited to testify on the important roles MAP and FMD funding play in expanding global demand for US red meat.

"The United States has entered a number of free trade agreements and made great advancements in market access, but while market access played a part in our export growth, market access alone does not guarantee exports," Mr Seng explained.

"How many times have we been elated about newly opened markets, only to be confronted by consumers who are skeptical or simply unaware of our products' safety and quality? We must dignify trade access with sound marketing programmes, and Market Access Programme funds have allowed us to address these challenges. Together, access and marketing are a proven recipe for success."

Mr Seng also cited the example of how MAP funding helped US beef overcome significant obstacles in South Korea, which last year became a \$1 billion destination for US beef exports for the first time.

"At the beginning of this decade, only 5 percent of Korean consumers were confident in the safety of US beef," Mr Seng noted. "Although a free trade agreement between the US and Korea was about to be finalized, how could we possibly capitalize without addressing this situation? MAP funding played a critical role in restoring faith in the safety of our product."

Mr Seng received several questions from subcommittee members who were interested in learning more details about the returns red meat exports deliver for livestock producers. This led to a dialogue about how certain beef and pork cuts command significant premiums in international markets.

"That's really the beauty of the export market," Mr Seng explained. "Every pound of meat sold in the international marketplace is sold for more than it would be here. We have a diversified portfolio with exports going to almost 100 countries, maximizing the value of each cut."

Mr Seng was also asked about the most prominent competitors in the global red meat marketplace. He noted that the European Union is an aggressive and well-funded competitor in the pork arena, especially since losing access to Russia – formerly the EU's largest export market – in 2014. Seng explained that Australia promotes beef aggressively in key Asian markets, and has tariff rate advantages in some destinations – including Japan.

In addition to Mr Seng's testimony, Dr Gary Williams, professor of agricultural economics and co-director of the Food, Agribusiness and Consumer Economics Research Center at Texas A&M University, presented the results of a study showing that USDA market development programs have been highly effective in boosting US agricultural exports and export revenues. From 1977-2014, the programmes added an annual average of 15.3 per cent (\$8.15 billion) to the value and 8 per cent (11.5 million metric tons) to the volume of US agricultural exports, generating a net return of \$28.30 in additional export revenue for every dollar invested.

"Two previous studies concluded that the USDA export market development programs have been highly effective in promoting exports with substantial benefits to the US economy," Dr Williams noted. "I must say that I was skeptical of those results. So our research team devised a completely different and highly rigorous methodology to test whether those export promotion programmes were as effective in promoting US agricultural exports and as impactful on the US economy as the previous studies purported. I was personally surprised by the results of our study."

Also testifying were:

Joseph Steinkamp, director of the American Soybean Association, on behalf of the Coalition to Promote US Agriculture Exports and the Agribusiness Coalition for Foreign Market Development

Tim Hamilton, executive director, Food Export-Midwest and Food Export-Northeast

Dean Alanko, vice president of sales and marketing for Allegheny Wood Products, on behalf of the Hardwood Federation

Paul Wenger, almond grower and president of the California Farm Bureau

Remarks from the Committee on Agriculture Chairman Mike Conaway (R-Texas), Subcommittee Chairman David Rouzer (R-North Carolina), full witness testimony and other hearing documents are available online.

Archived video of the hearing is available from the committee's YouTube page.

TheCattleSite News Desk



VARIOS

CANADA proyecta ingresos por más de mil millones de dólares como resultado de acuerdo con la UE (CETA)

08 March 2017 - Despite concerns over unresolved technical issues, CETA is expected to open up a one billion dollar market for Canadian red meat products, writes Bruce Cochrane.

Last month the European Parliament approved the Compensative Economic and Trade Agreement and, once approved by the Canadian Parliament, a timeline can be set for implementation.

However, unresolved technical issues are expected to delay the ability of Canadian meat processors to take advantage of the deal.

For pork the issue is the application of the Canadian health mark, and for beef and veal it's the use of antimicrobial interventions, such as the application of citric acid to kill pathogens.

Ron Davidson, the Director of International Trade, Government and Media Relations with Canadian Meat Council, says, the agreement will result in substantial opportunities for Europe immediately and for Canada once these technical issues are resolved.

Ron Davidson-Canadian Meat Council

Even though the final text is far from what we had hoped to achieve the result never the less is significant and we are looking forward to being able to take advantage of the agreement.

In that case we are talking about a total of over 80 thousand tonnes of Canadian pork and about 65 thousand tonnes in total of Canadian beef as well as three thousand tonnes of bison and duty free exports of horse meat.

When we looked at those we could see a value.

It depends on exchange rates, it depends which products you're exporting to the European Union, it depends on the relative demand and supply in the two countries but up to a total of a billion dollars.

Mr Davidson sees no reason why the issues affecting pork can't be resolved prior to implementation, however he acknowledges, the issues affecting beef and veal will take some time to resolve.

He says the beef and veal industry is working with the Canadian government to undertake research which will be used to apply to the European Food Safety Authority for approval of the antimicrobial interventions used in Canada, but that will likely take several months.

TheCattleSite News Desk

CHINA aumentará fuerte sus compras de carne vacuna hasta el 2020 por lo menos

08 de marzo de 2017 China se transformará en el mayor importador de carne vacuna del mundo para el año 2020 cuando alcance a más de 6 millones de toneladas importadas de todo tipo de carne, de acuerdo al informe perspectivas del consumo de proteína animal en China al 2020 elaborado por Rabobank

El crecimiento del consumo de carne de vacuno, superará a la carne de cerdo y de aves . En 2020 las importaciones alcanzarán a 1,4 millones de toneladas.

El informe de Rabobank destaca que:

- El crecimiento económico se está desacelerando, pero es más estable
- El crecimiento de los ingresos, influye en las preferencias de los consumidores de proteínas
- La clase media está aumentando, con dietas que se están occidentalizando
- La seguridad alimentaria sigue siendo un problema para los consumidores
- La producción local, no puede cubrir la demanda creciente de carne
- La urbanización y la tecnología están cambiando los canales de distribución

La producción local de carne de vacuno no puede incrementarse al nivel del crecimiento de la demanda, que debe satisfacerse con el aumento de las importaciones. De acuerdo a Rabobank el consumo de carne vacuna en China superará las 8 millones de toneladas, para 2020, un crecimiento de unas 4 millones de toneladas desde el año 2.000.

China carece de los recursos para aumentar la producción de ganado vacuno y la investigación genética ganadera necesita más inversiones, para permitir mejoras en la producción.

En los próximos años, Rabobank espera que la brecha entre la oferta y la demanda se amplíe, y las importaciones crezcan, incluyendo las importaciones oficiales y los envíos a través de "canales grises". Las importaciones totales de carne de vacuno representan actualmente el 15% de la demanda y se espera que alcancen al 20% para 2020.

El aumento de las importaciones no sólo se verá impulsado por una producción interna limitada, sino también para satisfacer la demanda de productos extranjeros de mayor calidad, que atraen a los hogares de mayores ingresos.

La carne importada ha desarrollado sofisticadas redes de distribución en China. Tiene acceso directo a los usuarios finales a través de plataformas de comercio electrónico, lo que es raro en los mercados de carne



de cerdo y aves de corral. Esto se suma a los puntos de venta al por menor modernos del alimento y de servicio de alimentos.

Los diversos canales de distribución, permiten a los proveedores extranjeros de carne vacuna, dirigirse a diferentes segmentos de mercado.

AUSTRALIA Lanzan programa de promoción de la raza Angus

09 March 2017 - The launch of Angus Australia's Commercial Development programme has been received by the beef industry with enthusiasm and strong support.

The concept that the development of this programme will be shaped by the requirements and desires of the marketplace and the commercial supply chain has been endorsed by industry favourably.

This inclusion has promoted engagement, positive action and support from the beef industry and enthusiasm to work with Angus Australia for the benefit of its members and the wider value chain.

Throughout the first three months of this programme, an extensive database of beef value chain participants has been made aware of Angus Australia's intent for greater engagement.

The initial phase has largely focused on lot feeders, processors and agency networks with over 30 face to face industry meetings, including the industry body representatives ALPA (Australia Livestock & Property Agents) and ALFA (Australian Lot Feeder Association), BeefEx 2016 Conference, large agency networks, Australia's three largest meat processing companies as well as feedlot operations that represent approximately 65 per cent of cattle currently on feed.

Thus far, four key aspects have been identified that industry believe Angus Australia should invest resources to address. These include:

What strategies are Angus Australia implementing to better protect the Angus brand? Specifically, what assurances can be given that cattle being sold as Angus, are actually Angus?

Can Angus Australia facilitate initiatives that develop and promote stronger partnerships and alliances between the beef value chain and Angus Australia members?

What strategies does Angus Australia have in place that will continue to improve the performance of Angus?

Could Angus Australia build partnerships with major industry influencers for the benefit of its members?

In 2017 this programme will continue to investigate what the marketplace wants from Angus Australia and its members. As it shifts into phase two of this programme, Angus Australia will look to collaborate with the beef value chain to promote better integration from the paddock, right through to the plate of consumers as well as deliver initiatives that promote and reward quality Angus cattle.

TheCattleSite News Desk

EMPRESARIAS

ABS fecha parceria com confinamento

08/03/17 - por Equipe BeefPoint A ABS Global anunciou esta semana um acordo de cooperação para pesquisa com a Cactus Feeders Inc, proprietário do maior confinamento do mundo. Com a parceria, a intenção é buscar uma genética com bom desempenho neste sistema de produção.

Atualmente, a Cactus possui 10 fazendas ao redor do Texas e Kansas, com capacidade para alojar mais de 500.000 cabeças de gado.

Conforme o acordo, a ABS e a Cactus vão trabalhar na busca por uma genética que contribua para os sistemas intensivos de pecuária de ciclo completo, visando uma melhor terminação dos animais e o aumento da produção de carne de alta qualidade.